

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Pró-reitoria de pesquisa e Pós-graduação Centro de Artes
Curso de Pós-graduação em Artes: Especialização Lato Sensu
Área de concentração: Artes Visuais / Especialização em Ensino e Percurso Poético



**Transferências, Marcas e Impressões.
Um lugar rural na gravura contemporânea**

Giordano Alves

Pelotas, 2013

Giordano Alves

**Transferências, Marcas e Impressões.
Um lugar rural na gravura contemporânea.**

Monografia apresentada à Pró-Reitora de Pesquisa e
Pós Graduação / Artes Visuais da Universidade
Federal de Pelotas como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em Ensino e
Percursos Poéticos.

Orientadora Prof.^a Dr.^a Helena Kanaan

Pelotas, 2013

Agradecimentos

Agradeço aos colegas artistas, a Deus, a minha família pelo apoio incansável em minha caminhada, aos amigos Fábio Duarte e Luan Telles. Aos professores do curso, pelos argumentos no desenvolvimento de minha poética, juntamente com a banca examinadora Prof.^a Dr.^a Nádia Senna, Prof.^a Me. Carolina Corrêa Rochefort e a orientadora Prof.^a Dr.^a Helena Kanaan.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Helena Araújo Kanaan (orientadora)

Prof.^a Dr.^a Nadia Senna

Prof.^a Me. Carolina Correa Rochefort

Resumo

ALVES, Giordano. Costa. **Transferências, Marcas e impressões. Um lugar rural na gravura contemporânea.** 2013. 46p. Monografia – Curso de Pós-Graduação em Artes: Especialização de Ensino e Percursos Poéticos. Universidade Federal de Pelotas - Pelotas, RS.

Este texto é a parte reflexiva de um trabalho em Poéticas Visuais o qual tem foco no conceito operatório da impressão, observado no processo criativo, ressaltado pelas marcas feitas pelo tempo. Iniciam-se os procedimentos com o uso de objetos de ferro pertinentes à lida de campo, provocando com elas marcas que problematizam e ampliam o fazer e o pensar da gravura. Novos modos de imprimir são propostos, usufruindo de materiais orgânicos, registrando por contato a transferência do / no tempo. Para esta pesquisa são indicados como artistas os trabalhos de Karin Lambrecht, Giuseppe Penone e Luciano Fabro. Os autores que apoiam a reflexão teórica são Georges Didi-Huberman e Walter Benjamin.

Palavras Chave: Impressão, temporalidade, gravura contemporânea.

Abstract

ALVES, Giordano Costa. **Transfer marks and impressions, A place rural on contemporary engraving.** 2013. 62f. Monograph-Graduate Course in Arts: Education and Specialization Courses Poetic. Universidade Federal de Pelotas - Pelotas, RS.

This text is part of a reflective work in Visual Poetics, which focuses on the operational concept of printing, observed in the creative process highlighted by the marks made. Start-up procedures using iron object relevant to read the field, causing them to expand that question and doing and thinking of engraving. New print modes are proposed, taking advantage of organic materials by registering contact by contact transfer time. Are indicated trabalhos. Para this research are given the work of Karin Lambrecht Giusepe Penone and Luciano Fabro. The authors Georges Didi-Huberman and Walter Benjamin are part of the theoretical.

Keywords: Printing, time, engraving contemporary.

Lista de Figuras

Figura 01 Giordano. Alves - <i>Um Carro Animal</i> , 2010.....	p.13
Figura 02 Karin Lambrecht. <i>Morte Eu Sou Seu</i> , 1997.....	p.14
Fig.03 Giordano Alves. <i>Pegadas do Tempo</i> , 2013.....	p.15
Fig. 04 Giordano Alves. <i>Sem Título</i> , 2013.....	p.16
Fig. 05 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.17
Fig. 06 Giordano Alves. <i>Sem Título</i> , 2011.....	p.19
Fig.07 Daniel Senise. <i>Ela que não está</i> ,1994.....	p.20
Fig. 08. Ana Mendieta. <i>Silhueta</i> ,1978.....	p.23
Fig.09. Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.26
Fig.10 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.27
Fig.11. Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.28
Fig. 12. Luciano Fabro, <i>Sísifo</i> , 1994	p.29
Fig. 13 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.31

Fig. 14 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.32
Fig. 15 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.32
Fig.16 Giordano Alves. <i>Impressão do artista</i> , 2013.....	p.33
Fig. 17. Giusepe Penone. <i>Pálpebras</i>	p.35
Fig.18. Giordano Alves. <i>Árvore Matriz</i> , 2013.....	p.39
Fig.19 Giordano Alves. <i>Procedimentos</i> , 2013.....	p.40
Fig. 20 Giordano Alves. <i>Série Registros</i> , 2013	p.41
Fig. 21 Giordano Alves. <i>Série Registros</i> , 2013.....	p.42
Fig. 22 Giordano Alves. <i>Série Registros</i> , 2013.....	p.43
Fig. 23 Giordano Alves, <i>Série Registros</i> , 2013.....	p.43

Sumário

Introdução.....	p.09
1. Ações do tempo.....	p.11
2. Índices, semelhanças e dessemelhanças.....	p.18
3. Impressões e diversidades visuais.....	p.24
3.1 Marcas	p.34
4.Considerações Finais.....	p.44
Referências Bibliográficas.....	p.45

Introdução

Com este trabalho proponho uma reflexão sobre o conceito de impressões produzidas e sentidas durante diversas experimentações que visualizam a marca como registro enfatizada pela ação do tempo, o qual entra como elemento coadjuvante nas ações, criando imagens impressas por diferentes modos. Discorro sobre o processo criativo, buscando referência em obras que dialoguem com meus trabalhos. Amparam esta reflexão processos de artistas como Giusepe Penone, Luciano Fabro e Daniel Senise, onde identifico procedimentos comuns aos múltiplos, com evidencia ao molde e impressões. O múltiplo e a marca aqui, abrem discussão da amplificação dos conceitos associados ao modo de operar na contemporaneidade. Relato à cerca de impressões, a qual realizo sobre o couro, fazendo da marca e do registro elementos de uma poética que geraram o título: Transferências, marcas e impressões. Um lugar rural na gravura contemporânea. Ao longo do texto apresento fotografias que destacam e registram o processo como parte da obra desenvolvida em ambiente natural fora da cidade, onde habito. Os trabalhos não perseguem uma forma pré estabelecida, trabalho com o orgânico, eles se fazem irregulares e assimétricos, incorporados pelos próprios efeitos que a matéria propicia, tais como manchas e corrosões por ferrugens, gerando por esse modo um campo fértil de possibilidades no que concernem questões relativas à cor e texturas do pigmento natural.

Entendo que nesta investigação, o tempo foi fator revelador no desenvolvimento da poética. Não somente no desenrolar do processo, como conceito, mas também pelo prazo para a feitura e resultado das impressões obtidas. Visualizado como fator predominante nas marcas e impressões, age nos materiais orgânicos salientando a efemeridade, conceito que ocupa importante lugar no contexto da pesquisa.

O trabalho reflete as impressões produzidas e recebidas durante o processo, aguçando a percepção e propiciando novos sentidos às matérias.

Impressões marcam o cotidiano e se efetivam nas matérias orgânicas pela ação do tempo tornando-se evidências visíveis de vivências submersas no universo do ainda

desconhecido. Acontecimentos visuais vão se manifestando durante o processo criativo, como as rachaduras, enrugamentos, oxidações, altos e baixos relevos e se manifestam como imagens no decorrer das experiências, instigando a desdobramentos na prática e na pesquisa teórica.

Prioriza-se alargar o pensamento no que concernem às técnicas da gravura tradicional, cruzando-as, alterado-as e comparando-as com abrangentes modos de impressão do atual contexto.

Tendo a marca como conceito balizador, realizo experiências não somente pelos procedimentos comuns ou mecânicos, mas, procurando incluir as de recursos naturais, como pegadas de animais e das ações naturais, como o vento e a chuva, revelando assim marcas que denotam temporalidade. Exploro materiais diversos para poder realizar a impressão, materiais não tão comumente usados na arte, como o couro e o objeto-matriz (ferro), procurando também com outros materiais enfatizar o orgânico e as ações do tempo, observando a exigência de espera que se faça a marca em cada material.

Os autores Georges Didi-Huberman, Walter Benjamin, são parte do aporte teórico, Giuseppe Penone Luciano Fabro, Daniel Senise e Karen Lambrecht são referenciais artísticos que norteiam a investigação.

O trabalho aborda diferentes modos que levam a produzir uma imagem impressa, utilizado desde a prensa com rolos e tintas convencionais da gravura, até diferentes métodos e materiais que vão sendo experimentados, buscando na natureza variedades de formas e de suportes. Investigo como matrizes, instrumentos e ferramentas de uso do cotidiano na zona rural do sul do Brasil como: esporas, facas, bomba de chimarrão, eles são feitos de ferro e por tanto, em vez de usar tinta para impressão, transfiro a própria ferrugem que ali estava, apropriando-me de suas pigmentações.

1. Ações do tempo

Instiga-me a ação do tempo como geradora das marcas e impressões causadas nos materiais orgânicos. Percebo as peculiaridades, as reações em suas especificidades no suporte de barro por exemplo, apresentando diversidades que se mostram em fragmentações e texturas, instigando a pesquisa em suas sensações causadas não só pelo visual, mas também pelo tático. O tempo, elemento disparador instigante de reflexões, alterações de pensamentos e percepções na realização de obras, é referência maior na construção deste trabalho.

Mas como realizar uma obra temporal? Que metodologia usar? Como propô-lo dentro de um estudo acadêmico ancorado na arte contemporânea?

Desenvolvo modos de experienciar e estar atento aos diversos suportes e matrizes e, a partir deles, observar as marcas que faço ou que se fazem. Além de outros materiais que aparecerão ao longo desta, uso o barro como suporte, as vezes como matriz e também como material revelador, molhando-o, marcando-o, realizando múltiplos. Penso a partir da gravura tradicional que traz o conceito de transferência pelo contato, mas expando esse fazer alternando convenções que conhecemos. Segundo Helena Kanaan:

"A gravura é um exercício técnico que pode ser levado além de regras químicas, no que ocorre o rigor dos números de gotas de ácidos, a exatidão das gramas necessárias das resinas, a distinção entre as recepções e as cadências dos solventes. A técnica em sua complexidade severa pode ser desviada ao rizomático, nos facultando alterar pensamentos, ultrapassar camadas e adentrar novos campos relacionais." (KANAAN, 2011, p.307)

Os objetos de ferro usados como matrizes para marcar o couro são exemplos da diversidade de caminhos das abrangentes possibilidades para produzir imagens impressas. Ancorado na visualidade da cultura gaúcha, utilizei materiais pertencentes à vida no campo, os quais deslocam de suas respectivas funções, inserindo-os como matrizes, gerando novas formas, suscitando novos sentidos pela inserção desses, em um novo campo relacional.

Vários procedimentos foram explorados para marcar o couro com estes objetos matriciais. Deles emergem conceitos gerados pela ação de marcar/imprimir operacionalizada pelo deslocamento, peso e força, um ato de alterar o couro, cortar, prensar. Essas ações emanam de uma carga cultural carregada de expressividade, comportamento que pode ser visto na vida rural do gaúcho.

Atento a efemeridade que alguns materiais orgânicos sofrem, outro conceito balizador dispara e instiga a reflexão, alterando meus hábitos no contato direto com as matérias em suas transformações.

A impressão abaixo trata de uma transferência de uma placa automotiva para o couro de cavalo. Para impressão esta teve auxílio de uma prensa de aço, devido à dureza dos materiais em uso.



Fig.01. Giordano Alves, *Um Carro Animal*. Impressão em couro, 55x 45 cm. 2011.

O objeto prensado não está mais no couro, mas sim o vestígio visualizado em índice. É forma, conceito e processo. Está em aberto, transferido para o couro, impregnando pela textura, pela ferrugem ou por fragmentos soltos do ferro, tornando o suporte mais áspero e exaltando à sensação tátil, questionando os possíveis aspectos da figura apresentada após cada impressão experimentada. Neste sentido cito Marleau-Ponty:

[...] Mesclado em suas medíocres experiências, tão pudicamente confundido com a sua percepção de mundo, que seria impossível encontrá-lo à parte [...]. O próprio pintor é um homem que trabalha e reencontra todas as manhãs a mesma tinterrogação na figura das coisas, o mesmo apelo ao qual nunca terminou de responder. A seus olhos, sua obra nunca está feita, está sempre em andamento. (MERLEAU-PONTY, 1991, p.60)

A obra encontra-se em aberto, enfrentando diferenciais numa postura artística reflexiva e sensível a novos olhares, no embate com diferentes formas a partir de

possíveis matrizes e suportes. Os materiais utilizados são muito particulares, pois meu atelier é meu lugar, um pedaço de terra, uma porção de mim, um lugar próprio, um objeto de uso pessoal. Nesse momento refiro a artista Karin Lambrecht que ressalta sobre a memória, cultura e um cotidiano peculiar.



Fig. 02. Karin Lambrecht. *Morte Eu Sou Seu*. Sangue de cordeiro sobre toalha de linho, 1997.

O tempo age como autor, como testemunha, como elemento, o tempo se faz como ambiente, clima lugar que se modifica, pois com o passar das horas e das ações climáticas, aparecem os desvios da obra, tudo se modifica, amanhã poderá ser mais intenso, ou pode permanecer intacto por dias.

Na figura abaixo pode-se ver as marcas do tempo, suas ações, o que o fator tempo é capaz de produzir pela sua passagem. O que podemos ver registrado, é o desgaste do solo, originando naturalmente uma obra.



Fig.03. Giordano Alves. *Pegadas do tempo*. Terra, vento e sereno, (Foto digital), 2013.

O trabalho a seguir também remete ao fator tempo, pois o mesmo se faz por condições climáticas como sereno, vento, poeira. O suporte que pode ser papel ou lona permanece exposto por horas ao ar livre, absorvendo, sofrendo as intempéries que lhe causam as impressões e as impregnações, proporcionando imagens em trânsito, pois a cada vento ou chuva tudo pode se modificar.

Um dos trabalhos é proposto com uma base de tempera-ovo e carvão em pó sobre papel manteiga, gerando uma aparência que já sugere a passagem do tempo em sua composição. Ao ser exposto ao sereno por duas noites consecutivas, sujeito as condições climáticas, insetos e os mais diversos fatores recorrentes ao campo aberto de lugares longe da cidade, o trabalho vai se fazendo na captura de elementos, tomando forma, com altos e baixos relevos acumulados



Fig.04. Giordano Alves. *Sem Título*. Tempera ovo e carvão sobre papel vegetal, 100 x 80 cm, 2013.

Esta imagem é uma mostra da ação do tempo gerada pelo encontro de papel vegetal, entintada com carvão e gema de ovo. Sua variação se dá pela interferência em seus aspectos tonais e em sua textura, uma diferenciação ocasionada pela exposição ao sereno.



Fig. 05. Giordano Alves. *Procedimento*. Tempera ovo e terra sobre papel vegetal, 40 x 80 cm, 2013.

2. Índices, semelhanças e dessemelhanças

Nos trabalhos em que prenso o objeto sobre o couro, percebo o surgimento dos conceitos operatórios de semelhança e memória não somente pelo visual, mas também pelo tático. São vestígios, presenças herdadas pelo procedimento. Já os trabalhos de matrizes e transferências de elementos de origem orgânica, sofrem uma ação de marca quase involuntária de um objeto matriz fixo, as obras possuem marcas índices, alternados em metamorfoses pelo uso das diferentes linguagens visuais.

Os trabalhos remetem a uma cultura regional em função dos suportes e matrizes, mesmo assim, podem gerar sentidos que atinja o global presentificando o fazer da transferência, do duplo, instigando uma compreensão da gravura que extrapola o conceito tradicional, seguindo uma vertente da gravura ampliada.

O trabalho busca produzir imagens bidimensionais e/ou tridimensionais, no âmbito de imagem impressa por contato, desgaste e adição de matéria, relativizando as temporalidades.

A imagem a seguir mostra uma impressão em papel vegetal realizada com matriz de barro.

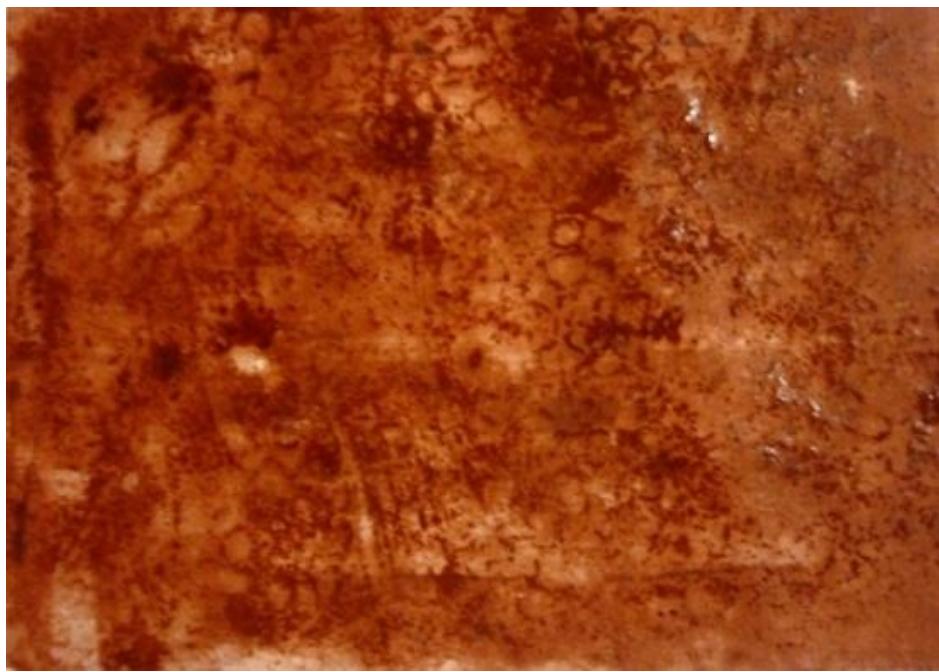


Fig. 06. Giordano Alves Costa. *Sem Titulo*.
Impressão com barro sobre papel vegetal. 50 x 100 cm, 2011.

Objetivo investigar como a imagem é gerada. Adjacências e impregnações ao suporte constituem sentidos, construídos com muita subjetividade, onde respostas geram perguntas e ali se criam formas que através de suas marcas, seus vestígios, apontam para seus índices. Assim, a impressão coloca em imagem um “presente mantido”, de forma visual e tátil, jogando com um passado que trabalha e transforma a todo o instante a superfície onde foi impresso.

Torna-se visível uma experiência vivida e complexada em relação ao mundo de imagens e sua expressividade, mas, é esta força, do mecanismo braçal, do contato entre o suporte e do que o marca, do diálogo entre o figurativo da matriz e do abstrato da impressão, do inacabado, o que me estimula a uma maior reflexão, aprofundando na superfície as instigantes ausências.

A imagem se constitui também pela operacionalidade de sobreposição e justaposição. Os objetos ganham ênfase em sua visualidade transferida à imagem bidimensional texturizada. O suporte incorpora não apenas as tonalidades da ferrugem, mas também ali se criam porosidades, acúmulos, encontros.

Para este trabalho faço referência ao artista Daniel Senise, com o qual me proponho a um diálogo poético, pois as ferrugens sobrepostas e impregnadas no couro,

dialogam com o fazer das obras do artista, mesmo que em suportes e técnicas diferenciadas, entrelaçando-se entre espaço e forma, tempo e matéria, onde a subjetividade artística se destaca entre a ação e a técnica, explorando a cor pigmento da matéria.

As marcas geram linhas, manchas, texturas, o duplo em novas formas, novos diálogos e conceitos, que permitem ao espectador navegar nas informações visuais contidas na obra, tanto sendo a superfície em couro como em outras que permitam a impressão e o registro.

Deste modo proponho a analogia com um dos trabalhos do artista o qual demarca muito dos conceitos por mim operacionalizados, Daniel Senise utiliza a impressão sob forma de decalque, manipula o espaço de maneira poética explorando os recursos que seriam exclusivos da técnica da pintura ou da técnica da gravura convencional.

No entanto, mantém as características de diversos materiais, capturando não as formas fixas, mas as que se soltam dos lugares nos quais habitavam, deslocando-se, promovendo um jogo de positivo/negativo e de ausência/ presença ao mesmo tempo, revelando e ocultando imagem, tornando o suporte passivo e ativo.

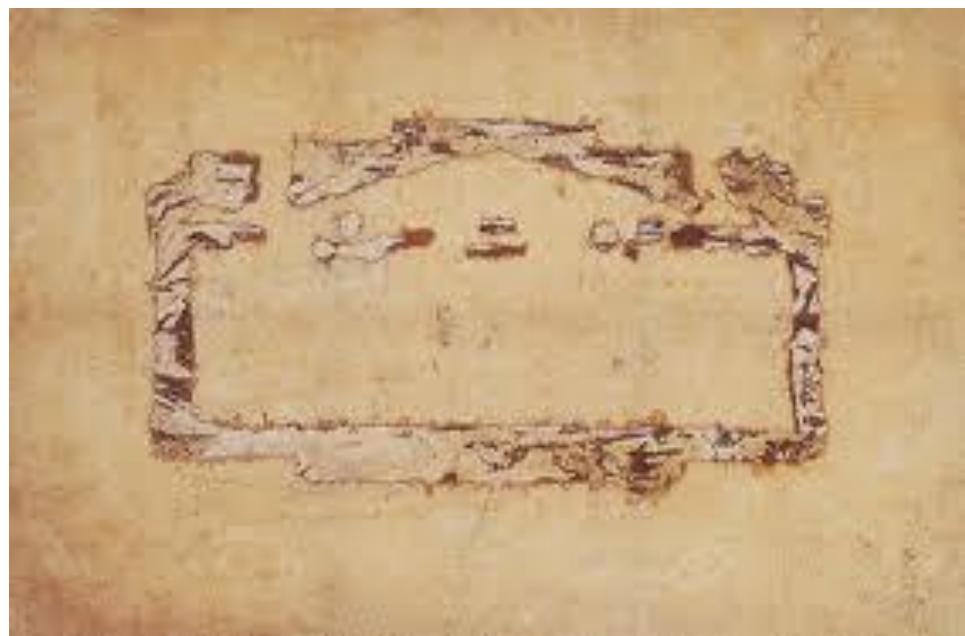


Fig. 07. Daniel Senise. *“Ela que não está”*. Tinta acrílica, pó de ferro e laca sobre tela, 1994.

Na obra acima, Senise propõe as linhas que são tanto o movimento quanto a paralisia e a estagnação. A despeito disso, em sua totalidade, as marcas deixadas pelo modo de impressão demarcam a passagem de um tempo. Remeto às obras deste artista às obras desta pesquisa, pois as formas que instigam a tridimensionalidade lembram também o pó, a ferrugem e toda pigmentação impregnada pelos modos utilizados. Modos que registram, que confirmam um momento transitório referente à temporalidade na obra de arte.

Os trabalhos desse artista ainda destacam a ambigüidade entre sacro e profano. Ele usufrui de materiais deslocando-os de sua originalidade funcional para a criação da obra, complexando a poética. O artista é reconhecido por ativar e instigar a percepção do espectador, inquietando com os modos da construção da imagem, resultando de experiências e conceitos responsáveis por uma mediação diante da obra que se depara num ambiente contemporâneo. Senise utiliza com recorrência em seu processo as silhuetas, mas não se limita a relação tradicional com as técnicas artísticas. Suas obras ressaltam o processo, carregando sempre um vestígio real da coisa.

A cada obra percebem-se questões que informam o debate sobre a gravura contemporânea, ressaltando sobre memória, fazendo com que os pensamentos se propaguem, buscando algo sem alvo, ligando o visível ao invisível, passagens temporais, em suas próprias convicções e conceitos, expressividades que geram sentidos e promovem paisagens pelas marcas feitas no suporte.

As imagens propõem, sugerem algo além da marca que está presente. Elas portam um índice, ativam um rastro, um rastro que está na memória, uma lembrança que origina novas formas, propondo uma prática, um chamamento visual. Pretendo nos meus trabalhos com materiais orgânicos que a obra se faça não só pelo gesto do artista, mas também com o tempo onde encontram-se contornos não rígidos, texturas, enrugamentos e desdobramentos provocados pela própria ação temporal.

As semelhanças com os trabalhos de Senise ainda aparecem, quando as obras apresentadas possuem uma articulação entre figura e fundo, emitindo questões que referem a passagem, sugeridas pela imagem penetrando em lugares que instigam o antes e o agora. Os objetos impressos buscam novas leituras visuais pelos rastros,

vestígios e marcas, porém fazendo perceber os índices. As ausências dialogam com o suporte deixando impressões, reorganizadas por meio da instauração de um inventário que os transforma.

Os sentidos são ressensibilizados, inventados, novas relações se estabelecem por semelhança e dessemelhança, o que é não aparenta ser, diante da imagem transferida ao bidimensional.

O registro origina-se através da pressão originando o relevo, fazendo-se em manchas, sombras e contrastes da própria matriz, onde o vazio e o volume ressaltam para a percepção das imagens surgidas.

Buscando um processo singular, procuro realizar uma imagem gravada que reflita além de um plano bidimensional, instigado por diferentes possibilidades de transferência e absorção.

Neste caso tomo por referencia a artista Ana Mendieta, por possuir um trabalho que instiga diferentes aspectos visuais, usando a marca e a forma orgânica faz com que o conceitual dispare.

Mendieta se apropria de um território, de um lugar com impressões virtuosas e reflexivas, capazes de absorver a curiosidade do espectador, como se este fosse convidado a estar na própria obra. Os trabalhos de Mendieta abordam alguns aspectos políticos e de uma cultura local, sofrida e desvalorizada.

A impressão em sua diversidade conceitual, visual e prática, proporcionam assim novos caminhos a buscar na desenvoltura da arte contemporânea. Vejo nos trabalhos da artista uma disfunção de local e práticas da gravura, destacando o orgânico na obra, assim como enfatizo em minha poética. Percebe-se que as obras da artista cubana objetivam provocar o incomum, o não percebido ou desprezado as quais detecto como novas maneiras de práticas da gravura e impressões contemporâneas.

Ana Mendieta em sua obra silhueta demonstra aspectos visuais de pintura e gravura, e talvez tridimensionalidade através de seus relevos. Sugere novos entendimentos, olhares, conceitos e aceitações no que diz respeito a prática artística.

As obras visualizadas demonstram de forma simples que a gravura e a impressão podem ir muito além daquilo que conhecemos, percebemos ou visualizamos, pode ir além dos nossos sentidos e ou provocar novos sentidos, através dos que já

conhecemos. Segundo Carolina Rochefort: “O contato entre a matriz e o suporte durante a impressão une fisicamente dois corpos, amalgamando e transferindo marcas e informações” (ROCHEFORT, 2010).

Como Ana Mendieta, procuro também em minhas obras transparecer, transferir e abordar a impressão contemporânea em suas diversidades conceituais e práticas não convencionais.



Fig.08. Ana Mendieta. *Silhueta*. 20 x 13 cm, 1927-1978

As imagens geradas por meio de transferência possibilitam reflexões como a marca e impressão por contato, um encontro tanto de forma tátil, visual ou conceitual.

São visualidades de imagens que refletem o presente e o passado, pois se refere a uma presença e a uma ausência. “Uma imagem que encontra no seu modo de construção (no imprimir) e em sua consequência (na imagem impressa) uma questão: uma emanação do referente ou uma imagem vestígio.” (ROCHEFORT,2010)

3. Impressões e diversidades visuais

Giusepe Penone é outro artista destacado como referência nesta pesquisa. Por conta do processo constitutivo de sua poética, a qual propõe uma união entre os elementos naturais, os sentidos e a memória, usufruindo de materiais incomuns. Ele tenta cativar o universo ao seu redor, buscando absorver o imaterial, e o não visto, como a poeira, os sons e o tempo, problematizando as dimensões sobre o assunto, realizando a sua obra e ao mesmo tempo testemunhando a conquista de elementos.

A cada trabalho de Penone, questões conceituais dialogam com meu processo criativo, sendo que tal aproximação não se restringe a aspectos formais.

Capturo vestígios que subsistem em meio à contemporaneidade sobre a manifestação da impressão e as possibilidades de suas diversidades.

Ao refletir sobre o conceito impressão, cruzando-a em linguagens além da gravura, como por exemplo, com o desenho e a escultura, desloco regras e técnicas do ver e do fazer, propondo interlocuções.

Com esse artista, reforço um estudo da impressão, compreendendo que ele realiza suas ações tendo como foco a impressão/registro. “Pálpebras” (1978) é uma obra feita da frotagem de suas pálpebras, com carvão, friccionando sobre papel muito tênu. Também procuro abordar o processo criativo invocando texturas de elementos orgânicos, como folhas, cascas de árvores, minerais e o uso de meu próprio corpo.

A obra escolhida de Giusepe Penone, no que concerne a elaboração e procedimentos de impressão associados a outras linguagens é fio condutor referencial desta pesquisa, um artista que sem dúvida inclinou-se na desenvoltura da impressão e registros realizados em frotagem. Segundo Didi-Huberman:

O *Frottage* é uma técnica arqueológica por excelência: ele capta os traços, por mais antigos e menos visíveis que sejam. Atualiza o *fóssil do gesto*, tempos breves (passagens de animais) ou tempos longos (formações geológicas) endurecidos como em um carvão (DIDI-HUBERMAN, 2000, p.59.)

Referencio-me também em artistas da Art Povera, pois, tais artistas absorvem a natureza como matéria prima, o solo, a gordura animal, minerais e vegetais, usufruindo de matérias naturais como terra e folhas, enfatizando o esgotamento e a inversão de valores humanos.

Nesse contexto, a obra de Penone reflete a fusão do ser humano com a natureza. Explorando muitas vezes o próprio corpo como matriz e como superfície que recebe e que marca, o artista desenvolveu, a partir de 1970, uma série de ambientes e ações. Associo esse movimento ao ato de criar, um múltiplo que é único. O artista joga de maneira crítica com essa possibilidade, quando o cilindro (matriz-corpo) imprime sobre uma superfície.

Nas imagens abaixo realizo obras com procedimento de impressão usando elementos de recursos naturais orgânicos, como carvão, ovo e papel vegetal.



Fig.09. Giordano Alves. *Procedimento*. Produção de tempera ovo sobre papel vegetal, 100x 80 cm, 2013.



Fig.10. Giordano Alves. *Procedimento*. Tempera ovo sobre papel vegetal, 100x 80 cm, 2013.

No trabalho a seguir proponho a captação de fragmentos orgânicos encontrados na natureza, em zona rural. O processo confirma-se no vestígio que se faz como veladura no papel.



Fig.11 Giordano Alves. *Procedimento*. Decalque: papel vegetal entintado sobre árvore, 100 x80, cm. 2013.

A obra Sísifo (1994) de Luciano Fabro, possibilita-me pensar sobre a impressão por impregnação e por transferência e sobre os meios de reprodução utilizados pelo homem no decorrer dos tempos, sua eficácia no tocante à reproduzibilidade da imagem, e o papel do artista na história. Nesse artista encontro apoio para pensar nos métodos de multiplicação de imagem que também utilizo. Ali a impressão se faz por contato e por impregnação.

A criação da imagem é acionada através da rotação de um cilindro (matriz), sobre a farinha (suporte), o que me permite analisar a impressão de forma mais ampla, um híbrido de escultura, desenho e gravura, priorizando a marca e o registro. Uma ampla reflexão é disparada sobre a textura gerada pela marca-impressão, e por consequência, o relevo.

Sua obra me aproxima às marcas que faço no couro, os relevos e insinuações de formas, onde a mancha proporciona uma linha de pensamento, que leva ao informe¹.

Também sua obra é referência desta poética, pelo fato de o mesmo retratar seu próprio corpo no mármore negro, uma ação peculiar. Fabro risca, provoca marcas, registra, faz incisões sobre o cilindro de mármore mostrando a imagem impressa de seu próprio corpo, ou seja, um autorretrato.

O cilindro já não é somente um agente matriz, faz parte do artista, em seu aspecto visual, Fabro provoca na ação sua prática como impressor, cria uma interação com a obra, uma prática transformativa do processo criativo, a impressão.



Fig. 12 Luciano Fabro. *Sisifo*.1994.

¹ Informe – verbete usado por George Bataille no diccionaire, da revista Documents, 1929.

Fabro age com modos bem conhecidos, e por que não dizer básicos da gravura, do imprimir, marcar, do fazer incisões, deixar sinais. Une tradição e contemporaneidade ao trabalho, revigora em sua produção. Destaco-a, exatamente, porque ocupa um lugar de fronteira entre a escultura e a gravura. O relevo faz-nos refletir entre escultura e gravura, possibilitando pensar a Impressão em campo ampliado. Neste momento cito:

Assim, a obra de arte contemporânea não se coloca como termo do processo criativo (“um produto acabado” pronto para ser contemplado), mas como um local de manobra, um portal, um gerador de atividades. Bricolam-se produtos, navegam em redes de signos, inserem suas formas em linhas existentes. (BOURRIAUD, 2009.p.16)

Contendo modos de impressão essa escultura de Fabro nos fala de o que é uma obra híbrida. Formada por sulcos e acúmulos, coloca-nos face aos primórdios dos processos de impressão, os quais possibilitaram ao homem criar mais tarde métodos de reprodução da imagem. Na obra abaixo proponho meu corpo como rolo que capta a marca-imagem pressionando a terra que adere à tinta.



Fig.13. Giordano Alves, *Procedimentos*. Tinta acrílica sobre papel. 2013.



Fig. 14. Giordano Alves. *Procedimentos*.
Impressão sobre papel com tinta, o corpo como rolo compressor que capta a terra.
100 cm x 80 cm, 2013.



Fig.15. Giordano Alves. *Procedimento*. Impressão sobre papel, 100 cm x 80 cm, 2013.



Fig. 16. Giordano Alves. *Impressão Corpo do Artista*. Impressão sobre papel reciclado, tinta e terra. 100cm x 80 cm, 2013.

Proponho a impressão como registro, como uma possibilidade não limitada à linguagem da gravura tradicional onde a mão provoca a matriz e a entinta com o rolo de borracha, mas podervê-la como um deslocamento em direção a outros procedimentos, relevos e texturas, buscando aspectos conceituais de memória, origem, contato, distância.

No processo criativo desta obra, já não sou somente agente, criador, mas sou parte da matriz, como o cilindro de Fabro, também fui o rolo impressor da obra, juntamente com a terra e o que nela estava, agregando à tinta do papel texturas terrosas.

Isso também traz a reflexão sobre os métodos de produção impressa usados pelo ser humano no passar das décadas. A palavra impressão é de fato um assunto que faz

parte do cotidiano do homem, desde os primórdios de nossa civilização. Toda pessoa já realizou uma impressão, mesmo que involuntariamente, pois basta o suor dos dedos sobre uma superfície lisa ou um simples toque sobre um objeto de vidro e ali está um vestígio, uma impressão.

Diante de tais pensamentos, pode-se imaginar que realizar uma impressão seja um ato simples. Se imaginarmos uma pegada sobre a areia, ela é uma ação cotidiana muito natural quase que imperceptível, mas ela registra uma prática indispensável em nossas vidas, como o caminhar, deixando indícios do tamanho, do peso ou da leveza do corpo.

O que aparentemente é simples, demonstra o importante contato de nosso corpo com outro corpo, isto é, com uma matéria, superfície ou suporte, gerando nossa própria marca, testemunhos de nossa de existência, com nossas peculiaridades, mesmo que essa se revele na ausência, é um registro espaço-temporal e do instante da experiência vivida.

O “jogo do contato e do afastamento” nos deixa a aderência de sua procedência, é que esse registro nos toca e nos perturba, pois:

[...] cada impressão libera uma espécie paradoxal de eficiência ou magia: magia que seria aquela singular, como uma tomada do corporal, como reprodução serial; a que produz semelhanças extremas que não são mimeses, mas duplicação, ou ainda a de produzir semelhanças, como negativos, contraformas, dessemelhanças. (DIDI-HUBERMAN, trad., FRANCA, 1997 p.3.)

Em suas pesquisas o historiador Didi-Huberman discorre sobre desdobramentos da impressão na arte moderna e contemporânea e nos诱导 a refletir sobre três aspectos que envolvem a obra e todo o seu fazer, desde o pensar heurístico até sua produção, passando pelo que esta significa numa ordem interpretativa, e por último, e não menos importante, o valor que adquire enquanto obra de arte.

A impressão como gesto, segmento do tempo e da memória, não pode ser afirmada somente como uma consequência, pois em sua amplitude observa as funções, nos possibilitando analisar o processo ainda em seu caráter experimental, como a frotagem, ou as marcas originadas de forma involuntária, como as de um corpo sobre matérias moles, transpiração ou digitais sobre vidro, e outras.

Com o passar da história, o impresso agrega-se à arte como impressão, isto é, uma referência da ação, marca e registro suscitando novas reflexões no campo artístico.

A impressão aparece na arte contemporânea extrapolando limites em um mundo de busca de novos modos, novos conceitos através do gesto, da prática e da ação do artista sobre o material escolhido. Na gravura há um entrecruzamento intrínseco das linguagens possibilitado pelo uso de matrizes.

Nota-se que vários artistas contemporâneos que fazem o uso de impressão em seus trabalhos, trazem em suas obras assuntos como multiplicidade e autoria, instigando um novo pensamento, uma nova percepção.

A marca está ali não somente por uma visualidade, mas também por sua conquista de espaço, de conceito, de ação, e de complexidade. A marca não é só imagem, é também registro de um período, de uma memória e da vivência de um acontecimento

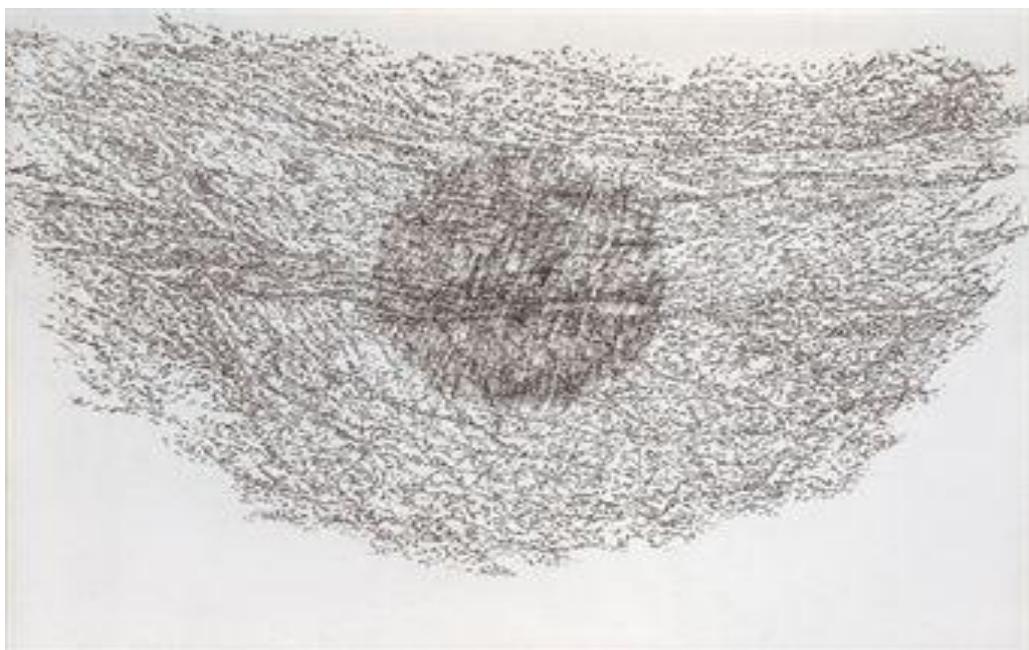


Fig.17. Giusepe Penone. *Pálpebras*. Frotagem .1978.

Priorizando novos entendimentos, no que diz respeito ao marcado, gravado, enfatizo características e formalidades, salientando o processo no qual a ação ganha destaque, já que a marca é geralmente feita por pressão e contato, não sendo o artista o agente único da poética.

“[...] o processo da impressão seria contato com a origem ou perda da origem? Ela manifestaria a autenticidade da presença (como processo de contato) ou, ao contrário, a perda da unicidade que leva sua possibilidade de reprodução? Produz ela o único ou o disseminado? O semelhante ou o dessemelhante? A identidade ou o identificável? A decisão ou o acaso? O desejo ou a morte? A forma ou o disforme? O mesmo ou o outro? O familiar ou o estranho? O contato ou a distância? Poderíamos dizer que a impressão é a imagem dialética, alguma coisa que nos fala tão bem do contato (o pé que afunda na areia) quanto da perda (a ausência do pé na impressão que ficou na areia.)” (DIDI-HUBERMAN, trad. FRANCA, 1997, p.4.)

Segundo Didi-Huberman, “a impressão é mesmo um sistema, ou seja, forma e contra forma, reunidas em um mesmo dispositivo operatório de morfogênese” (id. ibdem), uma marca que deixa transparecer sua procedência (forma genealógica) em negativo, que reafirma seu duplo significado: “o sentido físico de um protocolo experimental e o sentido de uma apreensão do mundo” (id. ibidem).

O exemplar único, a imagem por transferência sem edição, nos propõe um novo olhar no campo da imagem, com artistas incorporando novos modos na gravura contemporânea. É essa nova inversão de valores, que fez com que a gravura conquistasse e ampliasse seu espaço como linguagem artística, não se fixando somente no fazer tradicional do reproduzir.

A arte impressa teve importância significativa na ampliação de conhecimento pela possibilidade de multiplicação e para o artista pela possibilidade de seu diálogo com o outro. Simon Marchan Fiz diz:

“A relação com esta sociedade se realiza pela técnica mecânica de reprodução, pelo princípio de multiplicação de massas e pelas convenções estilísticas e unidades temáticas selecionadas. Assim, pois, apresenta os produtos de massas e suas implicações de um modo quase literal.” (in: FIZ, 1974, p.53)

Mas enfim, o que se busca em uma impressão?

Com certeza muito mais que uma imagem, um registro ou uma copia, busca-se não somente a prática, mas o explorar o fazer de uma poética contemporânea e diversa, tentando alcançar o inalcançável, o despercebido e o novo.

Vejo em uma impressão, muito além de uma imagem, a impressão pode ser o próprio contato, o delinear, o trajeto do artista.

Quando imprimo, não penso somente em deixar uma imagem para que seja observada pelo outro, mas que ela possa dialogar com o mundo, interagir e proporcionar questionamentos referentes à gravura, a impressão, ao duplo na arte contemporânea , cultura e conhecimento. Trata-se de muito mais do que um ato, é um toque que gera algo, e este algo desperta , aguça os sentidos e sentimentos, expressa e comunica, muitas vezes não é possível entendê-la, mas com certeza senti-la, vê-la e absorve-la pela percepção, levando-nos a diversos lugares, universos e ideologias.

É na forma de dinamismo gráfico-espacial que a gravura expande-se e torna-se rica. Tendo os artistas ao longo da história da arte, criado modos próprios, numa abertura rumo a outras linguagens:

Esta mesma liberalização da cópia é que a levará a trespassar as fronteiras tradicionais da gravura em direção a outros meios. Os artistas ampliam os limites do que se considerava uma gravura. Ao romper com esse limite tradicional entre a cópia e a matriz, os artistas aproximam a obra gráfica do conceito pictórico. Ao romper o binômio estabelecido tradicionalmente entre o gráfico/plano bidimensional, o meio aproxima-se do conceito escultórico. A monotypia aproxima o gráfico da pintura, os múltiplos da escultura. (ALABERN, 2000, p.64).

As técnicas do impresso possuem a virtude de terem transportado textos e imagens antes da possibilidade do off set. Ao longo do tempo foram se expandindo e ramificando suas possibilidades deixando de ser um meio, para ser um modo, e com isso se fazer muito presente na arte.

3.1. Marca

Por vezes involuntária, a marca é o que transpassa a superfície. Como um martelo, que onde bate, deixa sua inscrição, ou quando se retira o prego e ali está a presença em ausência. Sinal de um passado que volta, um indício, passagem, um gesto de uma determinação, um ritmo.

É preciso atentar o olhar para estabelecer um processo criativo, uma poética um caminho a ser percorrido compreendendo-o em sua proximidade como um retrato.

As marcas, os rastros identificados, transcendem através do tempo e deixam um grande legado para o ser humano. São incisões, sinais, desenhos. É como se estivéssemos diante de um livro com folhas em branco para uma possível história que está por ser escrita.

Nos trabalhos realizados para esta monografia busco registrar o cotidiano em marcas e impressões que se desdobram com as ações do tempo. As imagens se fazem no diálogo com os conceitos operacionalizados. A oxidação e as manchas são as imagens em autoria com o tempo.

A cada etapa do processo geram-se conceitos, articulados por elementos, sobrepondo e encontrando formas e possibilidades de realização do múltiplo e do único. Assim posso pensar o campo da gravura de forma ilimitada, com modos incomuns, cruzando, anexando-a a outras linguagens. A gravura já não se utiliza da matriz com o único intuito de gerar múltiplos, mas sim, gerar imagens do duplo e posso até mesmo apresentar a matriz como obra.

Busco a imagem-vestígio, por ação-impressão, a marca pelo tempo. A técnica usada é como uma monotipia invertida, mas também pode ser considerada uma frotagem pela forma como que é anexado o suporte à árvore.

Retiro fragmentos pelo contato, instigando a percepção de um registro do orgânico sobre o papel vegetal, modo no qual transgride, mas abarca a técnica e conceitos pertinentes à gravura.



Fig. 18. Giordano Alves. *Árvore- matriz*. Decalque sobre árvore, 100 x 80 cm, 2013.



Fig. 19. Giordano Alves. *Procedimento*. Decalque com fita adesiva sobre árvore, 20x 0.5 cm, 2013.

Imagens por contaminação são vestígios e fragmentações do mundo que nos cerca, explorando a textura natural da superfície, realizando o registro de forma espontânea. Capturando sinais com o suporte transparente, que é neste caso a fita adesiva, anexo também as digitais e o suor do artista, revelando pelo rastro o caminho percorrido desde o índice.

Capturo o momento, é como numa fotografia, um registro, mas de forma material e presencial, da matéria física, mesmo que esta não esteja por completo diante de nossos olhos, mas a obra sugere, indica e nos mostra através de sua ausência, a presença do que não se faz presente, apenas se percebe pelos vestígios e fragmentações expostos.

Nesse fragmento, trabalho com a transparência, o contato o toque, a imagem involuntária, inconstante, variável, num jogo em que o sensível se faz indispensável

para o diálogo poético, gerador de sentido e instigador de outro olhar, outro tato, outra sensibilidade.



Fig. 20. Giordano Alves. Série *Registros*. Decalque de árvore, musgos em fita adesiva. 20 x 05 cm, 2013.

Intencionalmente, ao visitar a mostra o espectador identifique o índice orgânico, ressaltado pela textura e coloração. A obra acima fotografada, exige uma disposição ampla, já que é realizada com material grudento, transparente ou branco. Pode ser anexada à parede, realizando a mostra de um registro orgânico em uma linha horizontal, propondo reflexões sobre o natural e o autoral.



Fig. 21. Giordano Alves. Série *Registros*. Decalque de árvore em fita adesiva. 20 x 5 cm, 2013.

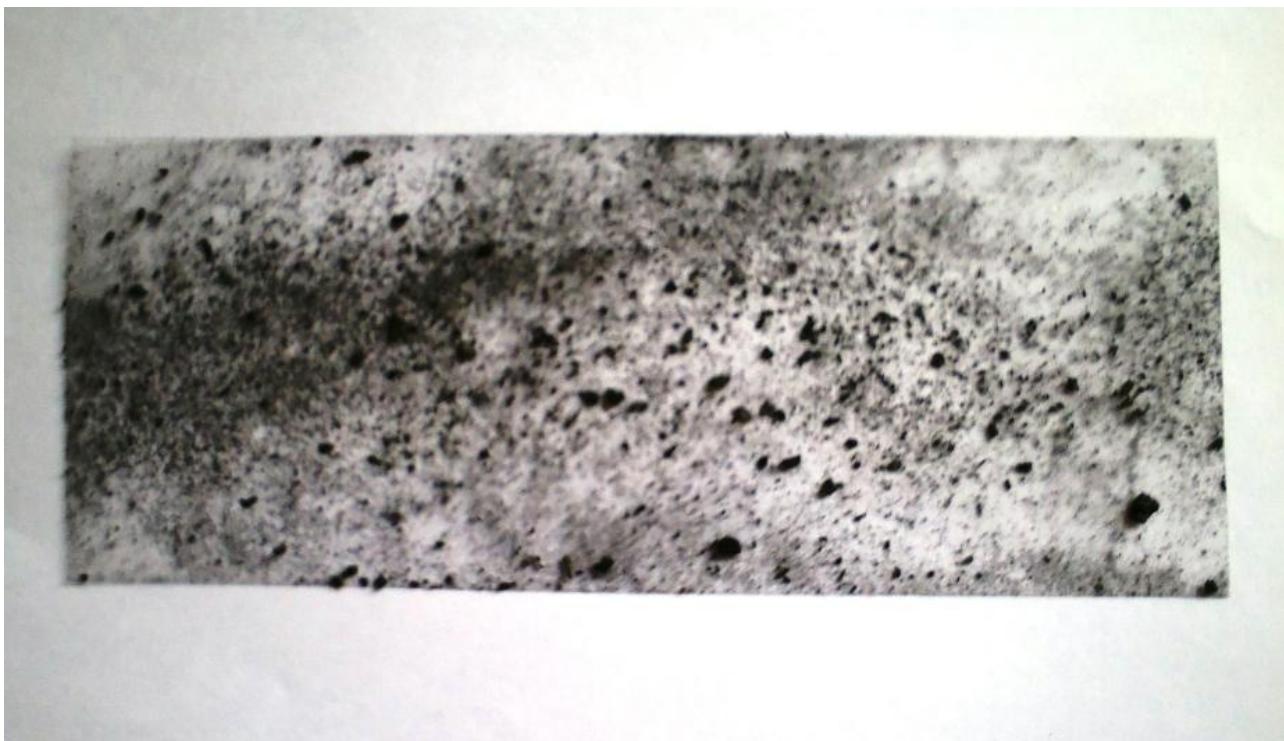


Fig. 22. Giordano Alves. *Série Registros*. Decalque, fragmentos de carvão em fita. 20 x 5cm, 2013.

Pela porosidade, textura e cor, o trabalho possibilita trabalhar o caminho e ir ao índice. Cada impregnação pode ser uma imagem remetendo-nos a sensações até então despercebidas, como sensações térmicas, deslocamentos, fluidez. Como o trabalho abaixo, que foi obtido de uma impregnação em uma fita adesiva, com os pelos de um boi. Os pelos estão salientes e com aspecto pegajoso, trazem a sensação de calor, de suor, em manchas diluídas que se fazem sobre a fita. Mas também são linhas, grafismos espontâneos gerados frente ao meu gesto.

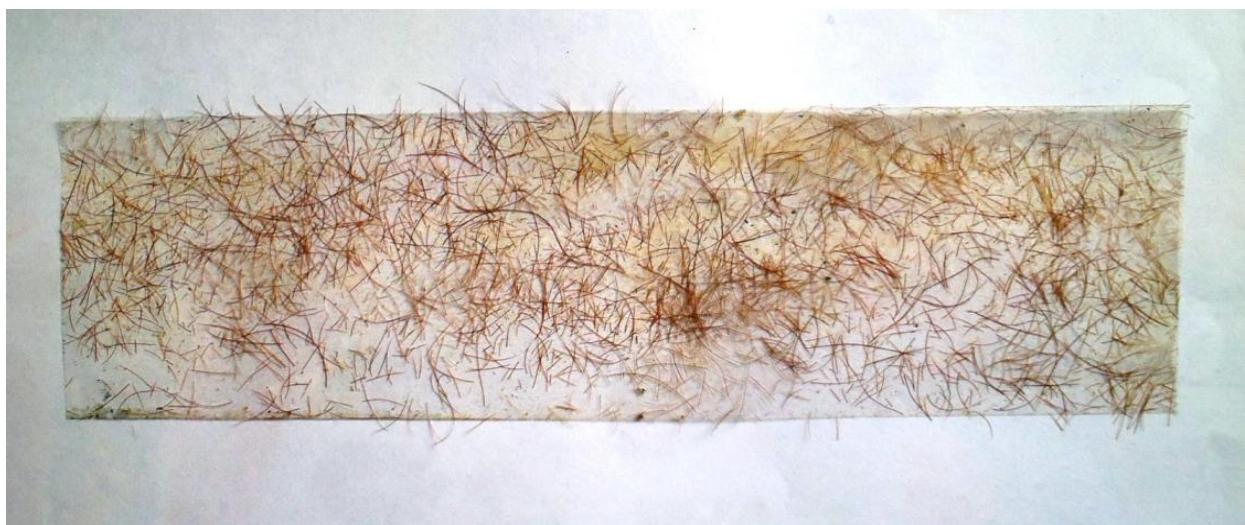


Fig.23. Giordano Alves. Série *Registros*. Decalque, fragmentos de pelo de boi em fita adesiva. 20 x 5 cm, 2013.

4. Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, percebo os desvios e os conhecimentos adquiridos no desenvolvimento de diferentes modos de fazer e pensar o processo criativo, objetivado na desenvoltura do conceito impressão na arte contemporânea.

Apresento imagens propondo discussões diante da ampla diversidade relacionada à marca como dispositivo de registro. A necessidade dos seres humanos de compreender imagens oriundas das marcas e impressões no mundo que os rodeia, faz com que as próprias pegadas ou o rastro deixado pelo vento, sejam investidos e entendidos como a sua própria multiplicação.

A ação do tempo e do homem sobre a matéria propõe modos que potencializados pelas técnicas, atinjam fazeres que ampliem o conceito da impressão.

Também proponho o diálogo com outras linguagens que instigam a uma reflexão mais profunda sobre o conceito rastro na contemporaneidade, em uma linha de pensamento aberta visualizando além do horizonte comum.

Diante de tais experimentações vejo a possibilidade de expansão aos questionamentos, métodos, reflexões e conceitos sobre gravura e impressão.

O trabalho até aqui desenvolvido, propõe novos horizontes sobre os conceitos de edição, multiplicação e autoria, buscando a diversidade do fazer artístico e suas possibilidades de ampliar conhecimento e cultura.

Contudo sabe-se que as obras possuem uma abertura para um mundo crítico e sugestivo, mesmo sendo os trabalhos altamente subjetivos, focados em uma cultura local, onde se desenvolve em um cotidiano poético, enriquecido por raízes e pensamentos peculiares.

As impressões possuem conteúdo próprio, independente de forma ou cor, estética ou disposição, trata-se de trabalhos conceituais, mas envoltos em referenciais coesos com o assunto abordado, priorizando a prática e o processo criativo com

materiais locais, orgânicos, com o intuito de explorar métodos que possibilitem novas formas de pensar o fazer artístico.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CABANNE, Pierre. Marcel Duchamp: **Engenheiro do Tempo Perdido**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CATTANI, Icleia Borsa (org.). **Pensamento Crítico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.
- Espaço e Lugar: Coleção temas da arte contemporânea*. São Paulo: Martins Fontes. 2009
- _____ . **Do Moderno Ao Contemporâneo**: Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Martins Fontes. 2009.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **França Contemporânea** – Os Anos SUPPORTS/SURFACES na Coleção do Centro Georges Pompidou. Museu de Arte Moderna de São Paulo. 1998.
- _____ . **L' empreinte**. Catálogo de exposição – Centro Georges Pompidou – Paris – 1997.
- FARINA, Cynthia e RODRIGUES, Carla. **Cartografias do Sensível: Estética e Subjeção na Contemporaneidade**. Porto Alegre: Evangraf Ltda, 2009.
- FIZ, Simón Marchán. *Del arte objetual al arte de concepto*. 2. ed. Madrid: Albert Corazon, 1974.
- FRANCA, Patrícia (Adapt. Trad.). *L'Empreinte* - Parte I e II. [s/l: s.n., 2000] Inédito. Adaptação em português do original francês: DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). *L' Empreinte*. Paris:[s.n.], 1997. Catálogo de exposição, 19 fev. - 19 mai. 1997, Centre G. Pompidou.
- KANAAN, Helena. Impressões, acúmulos e rasgos. Procedimentos litográficos e seus desvios. Tese / PPGAV UFRGS, 2011.
- NUNES, Edna Mara de Moura. **Desdobramento da impressão na arte contemporânea**. 2010.138f. (Mestrado em Artes Visuais) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

OLIVEIRA, Andreia. **Corpos Associados. Interatividade e Tecnicidade nas paisagens da Arte.** PPG Informática na Educação /UFRGS, 2010.

RAMÓN, José Manuel Guillén. **La litografía y el offset como medio de expression. En la obra gráfica original.** Analises de métodos y processos. Valencia: UPV Facultad de Bellas Artes San Carlos, 1988.

RAUSCHER, Beatriz B. S. **Xilogravuras Secas:** O estudo de um meio de linguagem. Campinas : UNICAMP, 1993.

ROCHEFORT, Carol. **19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas“Entre Territórios”** Cachoeira – Bahia – Brasil.2010

SILVA, da Silva Mariana. **Superfícies de contato:** Fronteiras e espaçamentos. PPGAV B/IA /UFRGS, 2006.

SOULAGES, François. **A fotograficidade.** In: Revista Porto Arte, Porto Alegre: UFRGS, vol. 13 nº 22, mai/ 2005. p.17-36.

VIEIRA DA CUNHA, Eduardo. **Impressões**, o modo negativo e os vestígios na arte contemporânea. In: Revista Porto, Arte, Porto Alegre: UFRGS, vol.13, nº 22, maio 2005, p. 117-122.